

Brasília já tem 50 favelas e miséria invade superquadras

Atenéia Feijó

Brasília — Habitada por 30 mil pessoas, a invasão do Paranoá, a maior favela de Brasília, pode ser vista da residência oficial do Presidente da República, o Palácio da Alvorada. Limite do núcleo de maior renda **per capita** do país, a favela, fica entre as penínsulas das mansões, à beira do lago Paranoá.

Mas a Vila Paranoá é apenas um exemplo da miséria que se acumulou ao longo dos 26 anos de vida de Brasília. Um grande mapa colado à parede de um dos gabinetes da Secretaria de Serviços Sociais mostra que, só no Plano Piloto desenhado pelo arquiteto Lúcio Costa, as fave-

las chegam a 14 — são 50 espalhadas pela capital — todas construídas com barracos feitos de restos de madeira e pedaços de latas e localizados nos terrenos baldios das superquadras.

Hoje, pessoas maltrapilhas e esfomeadas rondam os bares do Plano Piloto, desempregados percorrem as superquadras comerciais, um sem-número de camelôs enchem os espaços das galerias nos setores bancários, crianças carentes perambulam pela Esplanada dos Ministérios, prostitutas e travestis disputam freqüencia nos estacionamentos e mulheres com crianças no colo mendigam em qualquer ponto da cidade.

O governo do Distrito Federal

assiste ao crescimento das invasões, mas não possui dados comparativos que demonstrem, oficialmente, qual o quadro real do problema. Para buscar uma solução que afaste mais uma vez as favelas do Plano Piloto, o governo criou um grupo de trabalho consultivo de política habitacional.

Uma solução prática seria a política de assentamento que a administração anterior promoveu, transferindo cerca de 3 mil famílias para pequenas casas na periferia, nos últimos quatro anos. Ocorre, no entanto, que isso não garante o fim das invasões no Plano Piloto. O problema é que as invasões crescem numa proporção maior que os assentamentos oficiais.